

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja: o caso metodista no século XVIII

From an omnipresent death to a new look on visitation, social activism and church' reform: the Methodist case in the 18th century

Helmut Renders¹

Resumo

O artigo estuda como o metodismo inglês enfrentou o duro impacto das calamidades nacionais sobre as vidas das pessoas, seja em forma de epidemias ou injustiças legalmente estabelecidas, pela compreensão da práxis da visitação de enfermos e pobres como meio da graça de Deus, pela fundamentação teológica da denúncia e do ativismo social nos conceitos da justiça e da misericórdia e pela criação de encontros religiosos, as festas do amor, que colocaram permanentemente o serviço aos pobres no centro da celebração. Como método, aplica-se um estudo bibliográfico de fontes primárias e secundárias com o objetivo de entender melhor como o metodismo na práxis procurou contribuir para “a reforma da nação, em particular, da igreja” (John Wesley). Espera-se como resultado uma inspiração para a práxis do enfrentamento de crises sociais ou de saúde pelo cristianismo de hoje.

Palavras-chave

Pandemia. Metodismo. Visitação. Obras da misericórdia. Reforma da igreja.

Abstract

The article studies how English Methodism faced the harsh impact of national calamities on people's lives, whether in the form of epidemics or legally established injustices, first, by its understanding of the praxis of visiting the sick or the poor as a mean of God's grace, second, based on the theological foundation of the social complaint and social activism centered in the concepts of justice and mercy, and, third, by the creation of religious meetings, called love-feasts, which permanently placed the service to the poor at the center of the celebration. As a method, a bibliographic study of primary and secondary sources is applied in order to understand better how Methodism in praxis sought to contribute to “reform of the nation, in particular, the Church” (John Wesley). As a result, we expect to inspire the praxis of Christianity facing social or health crises today.

Keywords

Pandemic. Methodism. Visitation. Works of mercy. Church reform.

INTRODUÇÃO

O dossiê *A fé e o sagrado no contexto da pandemia de COVID-19* é uma das primeiras iniciativas para discutir as múltiplas formas de interação entre as religiões e a pandemia de COVID-19. Sem dúvida e, diferente de séculos anteriores, encontrou a pandemias um segmento

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e em Ministério pelo Wesley Seminary Washington (WES). Bacharel em Teologia pelo Theologisches Seminar der Evangelisch-methodistischen Kirche in Deutschland. Pós-doutorado em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESSP. Contato: helmut.renders@metodista.br.

significativo da população humana despreparada para lidar com a situação, tanto pela falta de experiência como pela ausência de uma memória viva. Para muitos(as), pareciam pandemias até então um assunto do passado. Portanto, as primeiras reações religiosas “espontâneas” à pandemia de COVID-19 eram “tradicionais”: cada vertente religiosa usou seu mais clássico, mas típico, arsenal de crenças fundamentais, convicções já sedimentadas e comportamentos igualmente patronizados, dando as suas respostas particulares. Com o avanço da pandemia houve uma diferenciação entre as duas reações básicas: por um lado, a negação da gravidade da pandemia e a promessa de proteção ou cura sobrenatural – eventualmente por um grão de feijão – como tentativa de manter propostas religiosas mágicas inalteradas; por outro lado, a ênfase em protocolos de higiene e isolamento com reações religiosas mais racionais. Olhando para o passado, entretanto, podemos observar que além desses dois modelos, eventualmente se instalaram processos mais complexos de lidar com a respectiva realidade o que em certos momentos até levou à releitura de práticas e das suas subjacentes teologias. Um caso disso, do século XVIII, queremos apresentar.

De fato, ainda num passado recente, tempos pandêmicos ou epidêmicos não eram nada extraordinários e caracterizados por não somente levar aqueles(as) que eles sempre levaram mais – os mais jovens, as mulheres que deram luz e os idosos e entre eles, especialmente, os pobres, mas todas as faixas de idade. Trazer luz para esses cenários desesperadores era sempre um dos desafios mais nobres dos quais a religião se encarregava, especialmente quando essa luz envolvia os tão necessários horizontes de transformar passividade em atividade, de substituir a ignorância pelo conhecimento e de encontrar caminhos de superar a crise, investindo na maturidade e sabedoria humanas, alcançando o ser humano na profundidade da sua alma, da sua experiência. Um desses casos excepcionais na história é certamente retratado no relato das Lamentações 3,21-22 do profeta Jeremias: “quero trazer à memória o que me pode dar esperança. As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade”. Em meio de uma catástrofe sem tamanho e comparação – uma derrota na guerra, seguida pelo exílio – aponta-se o fundamento da alegria e certeza passadas como base do futuro: a misericórdia e a fidelidade de Deus para com o seu povo. O escritor é cauteloso quando afirma que está na procura de algo “que me *pode* dar esperança” (grifo nosso). Entendo eu que ele quer dizer que ainda precisa se juntar algo à memória para que ela resulte em esperança. Suponho que sejam a fé e o amor, melhor “o crer” e “o amar”,² que transformaram o “se lembrar” em “ter esperança”: “crer” ou “depositar sua confiança em algo” é sempre uma aposta que se apropria de algo com firmeza de intensão e “amar” – o que inclua respeito e caridade – evidencia a convicção adquirida pela forma mais emblemática possível de se relacionar com Deus, a criação ao seu

² Optou-se pelo substantivo “fé”. John Wesley, um homem da práxis, gostava mais dos verbos. Pense somente no seu brasão pessoal: “creia – ame – obedeça”.

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

redor e todas as suas criaturas, e consigo.³ A proposta de se lembrar do passado é então esta: lembrar para ser movido, ser comovido, se mover.

Em seguida proponho um caminho tentando olhar já um pouco para o tempo pós-pandêmico. De certo modo, procuro olhar para o futuro e valorizar o que hoje somente eletronicamente é possível: o encontro, a procura do(a) outro(a) em seu lugar, a visita – fisicamente e simbolicamente – como movimento característico do metodismo. Começarei com uma releitura do sermão número 98 de John Wesley com o título *Sobre a visita dos enfermos*. Nessa seção que foca na compreensão da renovação das pessoas, pretendo mostrar porque a visita de doentes na forma que Wesley a entendeu e concebeu é um modelo que transcende essa atividade. Em seguida, apresento um aspecto querido à práxis wesleyana, a dimensão pública, e procuro demonstrar que elementos-chave identificados no primeiro capítulo, também são norteadores para essa área de atuação. Finalmente, trago uma dimensão “intermediária”, sendo ela coletiva e não individual, mas parcial e não ampla como a segunda: o nível institucional, no caso da religião, a igreja. Aqui o protestantismo sempre se referiu à importância da reforma. Mais uma vez, me encarrego de demonstrar a transversalidade de temas como, por exemplo, a ênfase em meios de graça, e complementaridade de conceitos como misericórdia, justiça e comunhão.

1 A VISITAÇÃO COMO CATALIZADORA DA RENOVAÇÃO HUMANA: A ESPIRITUALIDADE DA MISERICÓRDIA

Falei que trazer algo à nossa memória “pode” reascender ou estabilizar a esperança. Mais claro ainda é certamente o oposto: ser esquecido(a), deixado(a) ao lado(a), ignorado(a) ou não considerado(a) causa desespero, por fragilizar e não empoderar as pessoas, e isso ainda mais quando uma pessoa se encontra às margens de um grupo social ou de uma sociedade inteira, sem recursos financeiros ou educacionais para poder reagir com certa autonomia, sem forças para se levantar e fazer as tarefas do seu dia a dia. Quando alguém é esquecido nessas condições, ele ou ela é condenada à morte, inclusive, a uma morte solitária, sem conforto humano mínimo. É um dos aspectos mais cruéis dessa pandemia: como nas épocas da peste bubônica, o ser humano não pode mais enterrar seus mortos com dignidade.⁴ Na época de Wesley, no século XVIII, houve pessoas que pensaram que o abandono fosse necessário, talvez não bonito, mas, fazer o que, inevitável, não para proteger vidas, mas para salvar os cofres públicos. Um cidadão inglês resumiu esse ponto de vista no fim do século XVIII, John Wesley (1703-1791) ainda estava vivo; e esse outro cidadão era preocupado, com efeito “desumana”, de

³ Em Marcos 1,15 essa atitude é aplicada aquilo que ainda é uma utopia: “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependam-se e creiam no Evangelho”. Tanto a memória, como a boa nova, requerem fé para se materializar plenamente nas vidas das pessoas.

⁴ Os primeiros sinais do nascimento de cultura que sinalizaram a origem da nossa humanidade que chegaram a nós, são – além das habilidades técnicas de criar instrumentos – formas cuidadosas de enterro.

visitar as casas dos pobres para os sacerdotes anglicanos e os pastores de capelas de dissidentes ou puritanos:

Para um ser humano com sensibilidade comum nada pode ser mais angustiante do que escutar as queixas de infelicidade [ser desventurado/maldição] sem o poder responder adequadamente, e ser diariamente familiarizado com a miséria, sem poder de fugir dela e sem poder de trazer o alívio. Esta é a situação atual do clero, que, segundo a virtude do seu ofício, é obrigado a visitar as habitações dos pobres. Aqui eles veem uma infância indefesa, idosos decrepitos, a viúva e o órfão, alguns necessitando de alimento, outros de remédios, todos em tal número que nenhuma fortuna privada poderia fornecer o que eles precisam (TOWNSEND, 1971, p. 17).

Para o autor, John Townsend (1739-1816), médico e vigário,⁵ a tarefa de cuidar dos pobres e doentes não tinha mais solução, especialmente pelos custos dos remédios “modernos” para restaurar a saúde, e dos alimentos para mantê-la. Seu olhar econômico combinado a uma ideia da necessidade de políticas públicas para não arruinar o Estado levaria a propostas autoritárias do trato da questão da saúde sem muita perspectiva para os pobres e marginalizados. Com outras palavras, quem quer promover o bem-estar e a estabilidade do estado (e de certas classes sociais privilegiadas nele e por ele),⁶ esqueça, por favor os e as pobres, porque se lembrar deles(as) e desumano – para quem recorda deles(as) e não consiga tirá-los(as) da sua cabeça por ter as imagens vivas da sua miséria diante de si por visitá-los! Essa argumentação social-darwinista antes de Darwin impressiona pela sua transparência e demonstra ao mesmo tempo que racionalidade sem empatia “nada será” e “nada adiantará”⁷ (no mínimo para os miseráveis). Como diz o provérbio: “O que os olhos não veem, o coração não sente”. E no contexto desse tipo de pensamento, desse tipo de estratégia para implantar novas políticas públicas – o abandono das leis a respeito dos pobres⁸ – que devemos ler tudo que Wesley fala sobre memória, contatos com as pessoas comuns sem seu dia a dia, ou a visita nas suas casas, e devemos considerar que John Wesley fala tanto disso porque sabia direitinho da tendência de um segmento poderoso na sociedade que preferia fechar os seus olhos, se distrair com outras atividades, não deixar se tocar pela miséria do outro.⁹

⁵ Suas ideias anteciparam as de Thomas Robert Malthus (1766-1834) cujas analogias da biologia inspiraram ideias social-darwinistas. Malthus e Townsend eram pessoas religiosas.

⁶ Já não se trata mais da promoção do bem-comum, já que ela incluiria todos cidadãos e todas cidadãs.

⁷ Paulo lembra disse em 1 Coríntios 13,1-3 e questiona, paralelamente, espiritualismo, intelectualismo, mas, também um auto sacrifício como forma de agradar a Deus: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, isso de nada me adiantará”.

⁸ Isso demonstra o título do livro de Joseph Townsend, *Uma dissertação sobre as leis dos pobres: por alguém quem deseja o bem para a humanidade*.

⁹ Wesley caracterizou o respetivo ambiente de pessoas de bens – não necessariamente “do bem” – em um dos seus tratados dirigidos especificamente a eles(as) e aos(as) intelectuais da época chamado *Um apelo sério para homens de razão e religião* (WESLEY, 1743) como uma cultura de tédio. A obra era eventualmente, um grande sucesso e acumulou, até a última edição, lançada por John Wesley em 1786, **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 193-212, jul./dez. 2020

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

Vejam-se, por exemplo, dois comentários que se encontram nas suas *Notas explanatórias do Novo Testamento*, ou seja, mais o menos trinta anos antes do que ele escreve o sermão *Sobre a visita dos enfermos*. Primeiro, observamos seu comentário sobre a Febe em Romanos 16,1:

16.1 Recomendo-lhes a nossa irmã Febe — Portadora desta carta. *Que está servindo* — A palavra grega é “diaconisa”. *Na igreja de Cencreia* — Na era apostólica, cada igreja escolhia algumas mulheres distintas e piedosas para serem “diaconisas”. O ofício delas não era ensinar publicamente, e sim visitar os enfermos, especialmente mulheres, e cuidar de suas necessidades temporais e espirituais.

Comento, primeiro, que essa nota é de 1756. Aparece nela o primeiro passo na direção do ministério feminino ordenado, quando Wesley afirma que a tradução “está servindo” está errada e “diaconisa” seria a tradução certa, o que levaria à tradução “Recomendo-lhes a nossa irmã Febe, a diaconisa na igreja de Cencreia”. Somente no século XX essa observação dos meados do século XVIII entrou de fato nas traduções, mas não em todas.¹⁰ Entretanto, justamente por apontar de que se trata de um ministério constituído na igreja primitiva e não somente de uma atitude individual, qual louvável ela seja, Wesley distingue esse “ofício” de outros.¹¹ Entretanto, o meu interesse específico está na observação que esse seu ofício inclui: “visitar os enfermos, especialmente mulheres, e cuidar de suas necessidades temporais e espirituais”. Importante, então, que aqui se refere a uma das mais poderosas armas contra o esquecimento: a visita, o contato direto e direito, algo segundo Wesley considerado tão importante para a igreja primitiva, que era organizado como um ofício ou cargo oficial para tratar “das necessidades temporais e espirituais”, ou seja, de corpo, mente e alma, e obras que, aparentemente, envolvem o ensino...¹² Já em seu comentário de Tiago 1,27, a visitação de pessoas “indefesas e desesperadas” é considerada “a única verdadeira religião aos olhos de Deus”:

impressionantes 15 edições (o *Worldcat* conta até 29 edições, mas, eu tenho a impressão que há entre elas algumas dublagens). Na obra que trata também de aspectos teológicos, Wesley apresenta o cotidiano de famílias ricas, de senhores da terra, de negociantes e da aristocracia como uma repetição sem fim das mesmas variações de se distrair. Depois das suas detalhadas descrições dessas “vidas divertidas” ele faz àqueles(as) que, aparentemente, tem todo e de tudo ainda mais, a grandiosa pergunta: “Vocês estão felizes?” ou “Isso traz felicidade?”. Isso é o contexto da sua famosa afirmação “holiness is happiness”, santidade é felicidade. Pelo contexto, poderíamos dizer que John Wesley cria nesse caso uma analogia entre santidade e um estilo de vida com o propósito de ser útil. No inglês, traduz-se holiness, às vezes por “being godly”. Wesley preferia “ter a mente de Cristo” (MILES, 2009, p. 207-224).

¹⁰ Nas edições da Almeida, nem a NAA, tem essa necessária correção.

¹¹ 14 anos depois, em 1770, Wesley irá além com a primeira ordenação de uma pregadora local, a esposa de John Wilhelm Fletcher (1729-1785), Mary Bosanquet Fletcher (1739-1815).

¹² Aqui Wesley parece se referir também as conhecidas sete obras físicas ou corporais – Wesley usa “temporal” – e sete obras espirituais de misericórdia desenvolvidas na antiguidade e altamente prestigiadas na época medieval: Obras “temporais”: (1) dar de comer a quem tem fome, (2) dar de beber a quem tem sede, (3) vestir os nus, (4) dar pousada aos peregrinos, (5) assistir aos enfermos, (6) visitar os presos, (7) enterrar os mortos; obras “espirituais”: (1) instruir os ignorantes, (2) aconselhar os duvidosos, (3) advertir os pecadores, (4) suportar os erros pacientemente, (5) perdoar as ofensas de bom grado, (6) confortar os aflitos e (7) rezar para os vivos e para os mortos.

1.27 A única verdadeira *religião* aos olhos de Deus *é esta: visitar* — Dando conselho, conforto e alívio. *Os órfãos e as viúvas* — Aqueles que mais necessitam de alívio. *Nas suas aflições* — No seu estado indefeso e desesperado. *E guardar-se incontaminado do mundo* — Das máximas, dos temperamentos, e dos costumes dele. Mas isto não pode ser feito, até que entreguemos os nossos corações a Deus e amemos ao nosso próximo como a nós mesmos.

A “única verdadeira religião” é já em 1756 descrita como práxis, e não como um construto de ideias, eventualmente especulativas ou, talvez, focadas na reta doutrina, num credo, em artigos de religião. Além disso, parece-me também transparecer, por detrás da concepção dessa expressão qualitativa e criteriosa de “verdadeira religião”, uma compreensão de santidade, até de perfeição cristã–perfeição cristã, e ela me parece combinar com a descrição de John Wesley de perfeição cristã, que é amar seu inimigo. “Amar seu inimigo” e “amar aqueles que “mais necessitam de alívio [...] no seu estado indefeso e desesperado” são duas formas de ponta de “amar nosso próximo”. Portanto, existem entre Romanos 16,1 e Tiago 1,27 diferenças consideráveis à visitação. Para lá, o ofício, um cargo oficial um ministério específico ocupado por “especialistas”; para cá, um caminho – ou talvez, até o único caminho? – para todos e todas de viver de forma mais íntegra, religiosamente falando, possível. É essa tendência que se mantém até 30 anos depois, no único sermão dedicado ao tema, o sermão *Sobre a visita dos enfermos*, n. 98 (ou *Ao visitar os doentes*), baseado em Mateus 25,36: “Eu estava doente e você me visitou” (Mt 25,36). Entretanto, usa uma outra entrada no tema e começa a descrever a visitação como um meio da graça:

Geralmente se supõe que os meios da graça e as ordenanças de Deus são termos equivalentes. Em geral, queremos dizer com essa expressão, aquelas que geralmente são denominadas obras de piedade; ou seja, ouvir e ler as Escrituras, receber a ceia do Senhor, oração pública e privada e jejum. E é certo que esses são os canais comuns que transmitem a graça de Deus às almas dos homens. Mas eles são os únicos meios da graça? Não existem outros meios além desses, pelos quais Deus se agrada, frequentemente, sim, geralmente, em transmitir sua graça a eles que o amam ou o temem? Certamente existem obras de misericórdia que são, da mesma forma como as obras de piedade, verdadeiros meios de graça.

A interpretação das obras da misericórdia e da piedade como meios da graça representou uma releitura teológica bastante original e significativa no embate estabelecido entre a teologia católica enquanto a sua ênfase no papel das obras humanas no processo da salvação e a teologia luterana enquanto a substituição dessa teologia mediante do acento à justificação pela fé. Wesley reconheceu as contribuições e possíveis limitações das duas posições, especialmente em relação ao seu impacto nas decisões práticas da fé no cotidiano e um dos exemplos era justamente as práticas de caridade exercitadas segundo o modelo das obras corporais de misericórdia.¹³¹⁴ Pela extensão da qualidade de um meio da graça das obras de

¹³ Conforme a lista completa no rodapé 14.

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

piedade às obras de misericórdia,¹⁵ Wesley procurou estimular a militância cristã dentro da moldura das intuições centrais do protestantismo com seu foco na radical gratuidade e por causa disso universalidade da graça e da salvação. No caso da pregação mencionada, ele vai aplicar essa compreensão a uma obra considerada uma das sete obras corporais clássicas da misericórdia, à visita dos enfermos ou dos doentes. Com esse passo Wesley reajusta totalmente a qualidade do encontro previsto, mas estende essa qualidade também as obras espirituais da misericórdia. Importante é também a visão ampla de enfermidade:¹⁶

I.1 Quando falamos de pessoas doente, não me refiro apenas aquelas pessoas que ficam na cama ou que estão doentes no sentido mais estrito. Em vez disso, eu incluirei todos os que estão em estado de aflição, seja da mente ou do corpo; e se são bons ou maus, se temem a Deus ou não. “Mas, envio um médico para aqueles que estão doentes; ele pode fazê-los mais bem do que eu.” Ele pode, em um aspecto; ele pode fazê-los mais bem em relação à sua saúde corporal. [...] se você não vai, perde um meio de graça; você perde um excelente meio de aumentar sua gratidão a Deus, que o salva dessa dor e doença e continua sua saúde e força; bem como aumentar sua simpatia pelos aflitos, sua benevolência e todos os afetos sociais (WESLEY, 1786 apud RENDERS, 2006).

Além da questão mencionada, Wesley entende que a compreensão das obras de misericórdia como meios da graça qualifica a relação divino-humana num sentido múltiplo: enquanto no modelo anterior Deus abençoa, diretamente, o(a) visitado(a) mediante o(a) visitante – e, indiretamente, o(a) visitante já que acumula obras depois descontadas quanto ao seu tempo no purgatório – segundo o novo modelo Deus abençoa também diretamente o(a) visitante pelo(a) visitado(a). Dessa forma, se criam novos vínculos não hierárquicos, novas empatias, tudo resultado dos encontros mútuos nas visitas.¹⁷ Assim, cada encontro fortalece os laços de cada um(a) com Deus e entre as pessoas. Interessante é também como Wesley avalia as

¹⁴ Conforme Renders (2014, p. 355-369). Neste texto, desenho de forma detalhada o caminho alternativo proposto por John Wesley e o que eu considero adaptações congeniais desse acento na teologia metodista brasileira do século XX. Em nível mundial, Joerg Rieger introduziu este aspecto da teologia wesleyana novamente na pauta dos wesleyanos e metodistas, inclusive, parecido com John Wesley, preocupado em primeiro lugar com a práxis da fé cristã (RIEGER, 2012, 2015). Em termos mais gerais, transpareceu essa mesma polaridade nos títulos de outras três obras, duas delas também já traduzidas para o português (MADDOX, 2019; KLAIBER; MARQUARDT, 2006; COBB JR, 1995).

¹⁵ Na vida real existe também a inversão dessa relação quando pessoas entendem que o mero fato que participam em cultos, fazem as suas orações, estudam os textos sagrados e participam nos sacramentos – todas estas atividades são expressões das obras de misericórdia – estabeleça um tipo de direito diante Deus que não se encosta meramente na graça divina.

¹⁶ A atual especialista do tema do tratamento de doenças por Wesley e a respectiva literatura é Deborah Madden (2005, p. 176-189).

¹⁷ Assim Joerg Rieger (2012, p. 40-41): “Wesley [...] incluiu o que ele chamava de ‘obras de misericórdia’ – tradicionalmente entendido como boas obras para benefício do próximo – na lista dos meios da graça. [...] obras de misericórdia são mais do que ações corretas, ou ortopraxia. Como verdadeiros meios de graça, eles precisam ser entendidos como canais da graça de Deus. [...] Uma obra de misericórdia não pode ser mais considerada como uma via de mão única, caminhando da pessoa cristã bem-intencionada ao outro sob pressão e marginalizado. Algo acontece em retorno, algo que também transforma o praticante da misericórdia. Nas obras da misericórdia [...] um encontro real com Deus ganha forma, algo que está intimamente ligado ao encontro com o outro”. Rieger alega que a nova compreensão das obras de misericórdia como meios da graça se desdobrou na promoção de “relacionamentos de solidariedade”.

consequências de pessoas que não participam nas visitas ou não desfrutam desse meio da graça. Segundo Wesley, elas desenvolvem atitudes de antipatia até de hostilidade, isso para ele, desequilibra as relações entre as classes sociais e, conseqüentemente, dentro das comunidades da fé ou das sociedades metodistas:

I.2 Uma grande razão pela qual os ricos, em geral, têm tão pouca simpatia pelos pobres, é porque raramente os visitam. Por isso, é que, de acordo com a observação comum, uma parte do mundo não sabe o que a outra sofre. Muitos deles não sabem, porque não querem saber: ficam fora do caminho de conhecê-lo; e depois alegam que suas ignorâncias voluntárias são uma desculpa para sua dureza de coração (WESLEY, 1786 apud RENDERS, 2006).

Isso seria, então, a segunda razão por que, para Wesley, não basta que as pessoas de bens, apesar de não se ausentarem da filantropia – “mando um médico para aqueles que estão doentes” – transferirem ou terceirizarem a ação. Entretanto, às vezes, precisa do médico especializado e nem ele quer enfrentar a miséria. Nesses casos, deve-se insistir no seu aparecimento, provavelmente, acompanhado pelo requerente que fala em prol do doente:

II.2 Você pode dizer corretamente no seu próprio caso: "Implorar que eu tenha vergonha"; mas nunca tenha vergonha de implorar pelos pobres; sim, nesse caso, seja um mendigo importuno; não aceite negações facilmente. Use todo o entendimento, toda a influência que você tiver; ao mesmo tempo confiando Nele, que tem o coração de todos os homens em suas mãos (WESLEY, 1786 apud RENDERS, 2006).

O que se precisar, é se envolver e em caso necessidade, isso pode envolver terceiros juntos.

II.3 Você discernirá facilmente se existe algum bom cargo que possa fazer por eles com suas próprias mãos. De fato, na maioria das coisas que são necessárias, as pessoas a respeito podem se sair melhor que você. Mas em alguns você pode ter mais habilidade ou mais experiência do que eles; e se você tiver, não deixe a delicadeza ou a honra atrapalhar. Lembre-se de sua palavra: "Se você fez o mínimo possível, você fez isso comigo"; e acho que nada significa fazer por ele. Alegria-te por ser humilhado por causa dele (WESLEY, 1786 apud RENDERS, 2006).

Finalmente, há um terceiro aspecto: a transferência de conhecimento da importância da higiene na prevenção e no tratamento de doenças.¹⁸

II.6 Juntamente com as lições mais importantes, que você tenta ensinar a todos os pobres a quem visita, seria uma ação de caridade ensinar-lhes mais

¹⁸ O meu comentário a respeito da forma acolhedora como se dirige Wesley às elites inglesas da época por meio do seu tratado *Apelo para homens de razão e religião* pode dar a impressão de um trato igual a todas as classes sociais. Nigel Aston (2003, p. 123-136) argumentou que isso não era o caso e que Wesley se sentia “muito mais confortável para abordar as massas do que conquistar as almas de seus superiores.”

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

duas coisas, com as quais eles geralmente não estão familiarizados - esforço e limpeza. Foi dito por um homem piedoso: “A limpeza está próxima em importância a própria [...] piedade” (WESLEY, 1786 apud RENDERS, 2006).

Quanto a esse assunto, mantém-se a dinâmica entre o visitante como sábio e o visitado como necessitado.¹⁹ Digo isso porque Wesley nesses casos não orienta usar as visitas para explorar também possíveis conhecimentos medicinais das comunidades locais ou das famílias dos(as) doentes ou dos(as) próprios(as) doentes, eventualmente por conhecimento acumulado de geração em geração, eventualmente por experiências adquiridas durante o tratamento. Menciono isso porque é um assunto que surge na parte introdutória do seu guia medicinal *Primitive physick*, no parágrafo 4:

4. Provavelmente, tanto a medicina quanto a religião eram nas primeiras eras principalmente tradicionais; todo pai passou a seu filho o que ele próprio tinha recebido da mesma maneira, em relação as formas de curar as feridas externas e as doenças decorrentes de cada clima, e os medicamentos que se demonstraram mais eficazes para a cura de cada distúrbio (WESLEY, 1746).

Wesley compartilhava o guia em todas as casas que seus pregadores locais – e a partir de 1770 suas pregadoras locais – ao lado de líderes de classes, nesse caso, mulheres e homens desde 1741, visitaram. O guia²⁰ viu entre 1747 (WESLEY, 1747) e 1791, ano da morte de John Wesley, 23 edições, e foi publicado até 1760 de forma anônima. Ele integrou uma primeira *Coletânea de receitas: para o uso entre os pobres* publicada em 1746 (WESLEY, 1746) e conselhos do doutor George Chyene (WESLEY, 1747, p. xiii). O interessante neste guia é que ele foca na prevenção e no empoderamento das classes humildes, por Wesley geralmente chamadas “os pobres” ou “a grande maioria da humanidade” (*bulk of mankind*). No caso do primeiro guia de 1746, se refere ainda decididamente aos “pobres”. A sua importância se evidencia pela sua imensa popularidade:

Os leitores de hoje, no entanto, podem se surpreender ao descobrir que um manual médico fino, escrito pela primeira vez em 1747 para “preparar e dar” medicina aos pobres, correu para mais edições e ficou impresso por mais tempo do que qualquer outra publicação de Wesley - 23 edições foram publicadas, embora o líder metodista estivesse vivo, com a última e trigésima sétima edição sendo publicadas em 1859 (MADDEN, 2009, p. 176).

¹⁹ Entretanto, isso também pode ser visto dentro das considerações de Bryan S. Turner (1996, p. 168-169), quem aponta que Wesley popularizou entre as classes humildes conselhos de um doutor George Chyene sobre dietas direcionadas, originalmente, às elites dos *urban idle rich* (ricos urbanos ociosos – conforme a nota de rodapé 11, em especial, o meu comentário a respeito da “cultura do tédio”). Nessa perspectiva, se fala de transferência de conhecimento entre classes sociais, ou seja, Wesley socializa conhecimentos de acesso, anteriormente, limitado, empoderando as classes humildes pelo meio da educação.

²⁰ Não discuto aqui a qualidade dos conselhos medicinais que já era um assunto na época de Wesley. Para fontes primárias, veja *The primitive physic controversy: letters and reviews from December 1775 through August 1776*. Disponível em: <https://divinity.duke.edu/sites/divinity.duke.edu/files/documents/cswt/Primitive_Physick_Debate_%281776%29.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020. Para uma avaliação geral, conforme Renders (2011, p. 339-353).

Wesley, então, encontrou seu público e o seu público encontrou Wesley justamente ao redor da questão da manutenção da saúde. Eu tinha anteriormente dito que Wesley pensava a visita de enfermos dentro das obras corporais de misericórdia ou que explica afirmações em relação ao papel da oração como “adicione ao tudo, pois não é trabalho perdido, a antiga medicina da oração e de ter fé em Deus” (apud ROGAL, 1978, p. 87). O argumento “pois não é trabalho perdido” não soa muito insistente, mas também não pode ser visto de forma isolada e fica esclarecido quando se dá conta qual era a segunda obra mais editada por Wesley e distribuída em cada casa ao lado do guia medicinal, uma abreviação do guia espiritual *Imitação de Cristo* de Tomás de Kempis, lançado inclusive antes, em 1735 (WESLEY, 1735). Ou seja, as casas dos pobres receberam um guia para cuidar da sua saúde física, e um guia para cuidar da sua vida religiosa no sentido mais restrito com foco no cotidiano onde Cristo deveria ser imitado, ou como Wesley costumava dizer, onde se deve “andar como Cristo andou” (RENDERS, 2011).²¹ Então eram os dois guias os meios para “cuidar de [...] necessidades temporais e espirituais”, como Wesley tinha comentado o ofício de Febe em Romanos 16,1.²²

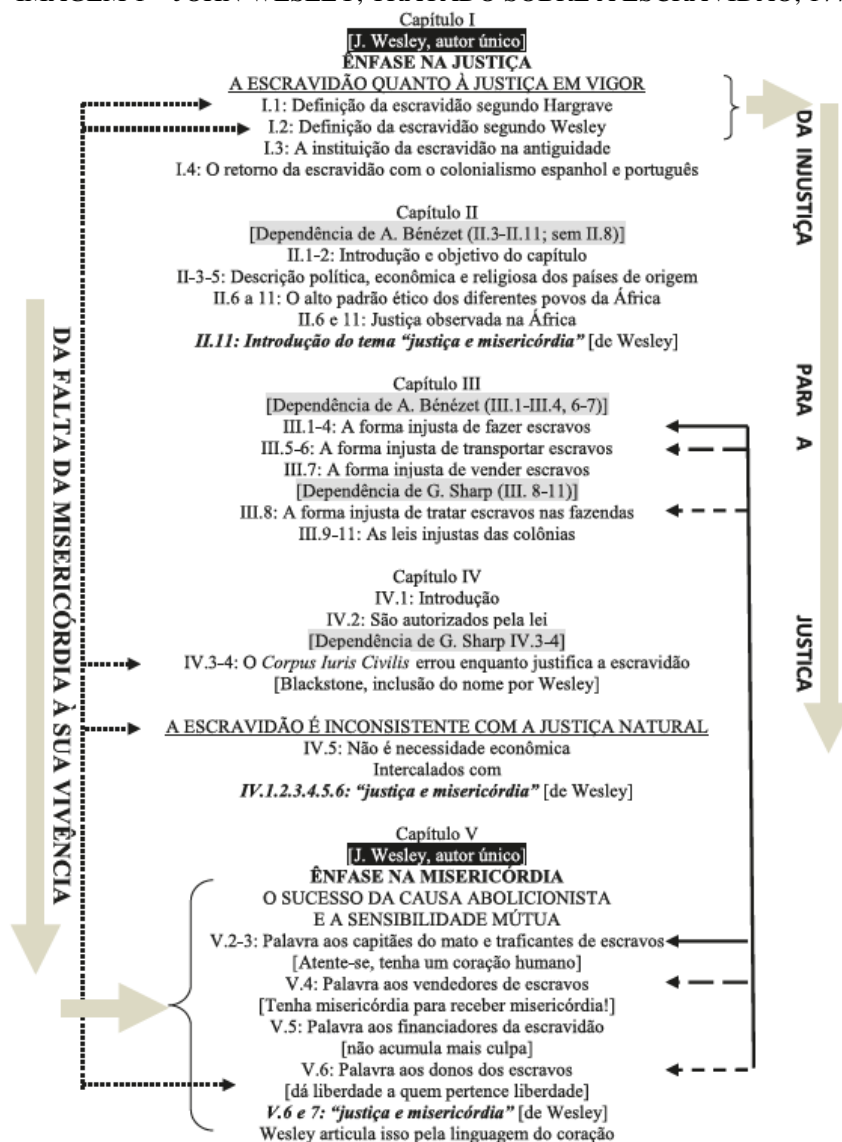
2 DO ENCONTRO COM O OUTRO DIFERENTE A TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: A ESPIRITUALIDADE DA MISERICÓRDIA E A JUSTIÇA E A ESCRAVIDÃO

De certo modo, iniciei a resposta com a menção dos dois guias, mas preciso ainda acrescentar outras iniciativas preventivas que foram muito além do nível atitudinal dos visitantes e visitados e que incluíam a ampla defesa da justiça. Wesley articulou as mais diversas expressões da justiça em sua compreensão da necessidade não somente da renovação de pessoas – o que unia *salus* e *sanus*, o guia das obras espirituais de misericórdia e o guia das obras corporais da misericórdia – mas, especificamente, da contínua necessidade da reforma da igreja e da transformação da sociedade. Com outras palavras: em certos ambientes como, por exemplos, prisões e ambientes escravagistas, a saúde não se instala por meras visitas, nem por visitas feitas de forma “certas”, mas somente se essas fossem acompanhadas por reformas de instituições e dos procedimentos promovidos por elas e, se precisar, por transformações de estruturas ainda maiores, como socioeconômicas e políticas, como era o sistema de escravidão.

²¹ Isabel Rivers cita os *Larges minutes*, atas de encontros, que descrevem como tarefa dos pregadores locais: “Cuidar para que toda sociedade seja devidamente abastecida com livros; particularmente com o ‘Kempis’, ‘Instruções para crianças’ e a ‘Física primitiva’, que deve estar em todas as casas” (RIVERS, 2009, p. 151).

²² Madden (2009, p. 178-179) comenta que a relação entre Romanos 16,1 e a práxis da visitação já aparece no tratado *Plain account of the people called Methodists* de 1743.

IMAGEM 1 – JOHN WESLEY, TRATADO SOBRE A ESCRAVIDÃO, 1774



Fonte: Renders (2019, p. 82).

Para Wesley, *salus* e *sanus* tinham uma dimensão que nós chamamos hoje “política” ou pública e estruturas injustas, “eternizadas” ou feitas imutáveis mediante de legislações, leis e regulamentos²³ eram para Wesley inaceitáveis. Como eu demonstrei em meu livro *John Wesley e a luta abolicionista* (RENDERS, 2019, p. 92), Wesley vai justamente usar a conceituação dupla “justiça e misericórdia” – ou seja, Wesley vai colar o conceito da misericórdia ao conceito da justiça, para sustentar o seu ataque frontal à pandemia socioeconômica da escravidão.²⁴ Assim, podemos ver como a luta pela vida ganhou mais uma dimensão e linha de argumentação. O conjunto, eu o imagino da seguinte forma:

²³ Em minhas pesquisas, reparei como a ideia do novo ser humano em Efésio trata dessas três dimensões (RENDERS, 2013, p. 1042-1053).

²⁴ Renders (2014, p. 355-369) chama-as “obras políticas”.

IMAGEM 1 – O FOCO TRÍPLICE DA SOTERIOLOGIA DE JOHN WESLEY



Fonte: O autor.

Sem dúvida, era a dimensão pública no pensamento religioso de John Wesley não original ou uma novidade. Católicos, calvinistas e anglicanos – talvez em escala menor os luteranos – pensassem nestas categorias de nações cristãs, de fato, nações confessionais. Entretanto, como Wesley relacionou os três aspectos em um propósito de uma piedade prática ou de coração e vida chama atenção e tem a ver, segundo a minha perspectiva, com o aspecto da visitação, não somente de doentes, mas de pobres, presos(as) e analfabetos(as). Ou como Charles I. Wallace Jr afirma: “Quanto ao avivamento a característica de Wesley é seu maior foco nos pobres” (WALLACE JR, 2009, p. 93). Quando lemos os relatos de Wesley, fica evidente que ele se mesmo identificava com isso. Assim registra Charles Wesley no seu diário em 1739: “Quão alegremente os pobres aceitam o evangelho: foi quase impossível, para nós, irmos embora”.²⁵ Em 1745, inclui num hino natalino os versos “Os sábios adoram / E trazem os seus pertences / Os ricos são permitidos a seguir os pobres”,²⁶ e em 1767, afirma: “Ele [o Espírito Santo] santifica, sem querer saber / Se são grandes ou pequenos seus próprios eleitos / Regenerados das alturas / Transformados na sua forma gloriosa, / Estampa a Tua imagem em nossos corações / em pureza e amor”,²⁷ o que abrange mais do que 20 anos do ministério. O que criou esse vínculo forte, profundamente afetivo e pronto para se levantar em defesa desse povo, foi a convivência entre os pobres e o movimento, o que se mostrou uma base mais poderosa do que qualquer preconceito de classe. De fato, ficou essa tendência também anotada na primeira biografia de John Wesley, publicada em alemão em 1793. “Comentava-se que Whitefield encontrou muitos seguidores entre os ricos. Em vez disso, Wesley tinha sido mais eficaz entre

²⁵ Charles Wesley, *Diário*, 4 de setembro de 1739.

²⁶ “The wise men adore / And bring him their store, / The rich are permitted to follow the poor” (WESLEY, 1745, p. 40).

²⁷ “He sanctifies, without respect / Of high and low, his own elect / Regenerate from above, / Into thy glorious form converts, / And stamps thine image on our hearts / In purity and love” (WESLEY; WESLEY, 1767, p. 114).

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

os pobres” (NIEMEYER, 1793, p. 3-4). Encerro com mais um exemplo em que Wesley relaciona a falta de eficácia do cristianismo da sua época com a atitude criticada anteriormente:

Ó, que Deus possa me capacitar, mais uma vez, antes que eu me vá daqui, e não seja mais visto, a erguer minha voz, como uma trombeta, para aqueles que *ganham e economizam* tudo que podem, mas não *dão* tudo que podem! Vocês são os homens, alguns dos principais homens que continuamente afligem o Espírito Santo, e em grande medida, interrompem sua influência graciosa quando pousa em nossas assembleias. Muitos de nossos irmãos, amados de Deus, não têm comida para comer; eles não têm vestimenta para colocar; eles não têm um lugar onde deitar a cabeça. E por que eles estão assim desamparados? Porque *você*, impiedosamente, injustamente, e cruelmente, detém deles o que o seu Senhor e o Senhor deles hospeda em suas mãos, de propósito, para que você supra as necessidades deles. Veja esse membro pobre de Cristo marcado pela fome, tremendo de frio, quase nu! Enquanto isso, você tem muito dos bens materiais, – para comer, beber e vestir. Em nome de Deus, o que você está fazendo? (WESLEY, 1984, p. 91, grifos do autor).

Aqui a graça é novamente relacionada com o amor preferencial ao membro pobre de Cristo. Mas meu ponto principal é que assim somente fala quem conhece os lugares, as pessoas, as situações e circunstâncias nas quais elas se encontram. Entretanto, não é somente um saber de um cronista, que toma conhecimento, que conhece os dados, e os reproduz; não se trata de um saber estatístico que esquece as pessoas reais e transforma suas vidas em números e esses números em teorias sobre a vida; todavia é um saber por experimentar, conviver e no qual a memória, por menor que ela seja, faz de imediato reviver os afetos relacionados, as angústias, as tristezas, tudo o drama real de uma situação indigna. E isso seria o meu terceiro aspecto, a saber, por que as visitas regulares eram tão importantes na constituição do metodismo inglês: porque elas resultaram em uma impressionante coesão dos membros ao redor de certos projetos, grupos sociais, como no caso seguinte:

De acordo com cálculos recentes, durante a fase mais intensa de petições contra a escravidão na sociedade britânica em 1832-1833, os metodistas representaram cerca de 80% de todas as assinaturas não-conformistas, com mais de 95% de todos os metodistas wesleyanos assinando petições contra a escravidão. Essa proporção foi a mais alta de todas as denominações religiosas inglesas e presta homenagem à importância das condenações antiescravagistas de John Wesley (HEMPTON, 2009, p. 73).

Esse exemplo é ainda mais interessante, porque as experiências pessoais eram nesse caso limitadas ou a pessoas que vivem no exterior ou a pessoas que participaram no transporte de escravos e, certamente, não tinham tido estes 95% dos membros contatos diretos com escravos(as). A ponte entre os sofrimentos reais e as pessoas dispostas se compadecerem foi feita pelas narrativas, testemunhos, e pela analogia: nas primeiras duas décadas do século XIX, décadas nas quais a industrialização selvagem demonstrou novas dimensões de desconstruir comunidades e famílias, os metodistas aparentemente não tinham problema nenhum de identificar se os(as) defensores(as) da escravidão ou da abolição estavam certas.

3 DA VISTA DE MUITOS(AS) À REFORMA DA CASA DE DEUS: A FESTA DO AMOR EM UMA IGREJA HOSPITALEIRA

Quando se pensa na reforma da igreja na perspectiva da visitação como meio da graça, pode-se imaginar a igreja como casa de Deus e um lugar de pessoas acolhedoras e acolhidas, por Deus e mutuamente. O colega José Carlos de Souza (2001, p. 18-31) articulou isso anos atrás no artigo com o título *Ceia do Senhor e hospitalidade eucarística*, destacando o caráter aberto da celebração ao redor da mesa do Senhor na tradição metodista desde a época de John Wesley, inclusive sua radicalização ou maximização do aspecto da acolhida e da promoção do encontro por meio do seu entendimento da mesa comum como *converting grace*, um meio da graça que impulsiona conversões religiosas de pessoas até então ainda não confessantes da fé cristã. Nesse sentido, seria uma participação uma visita inversa, de todas as pessoas – inclusive as crianças (SOUZA, 1998, p. 14-16) – vindas das suas casas particulares para celebrarem na casa do Senhor sendo recebidas para mais uma vez se encontrar com Deus por meio de Cristo, na presença do Espírito Santo. Este acento na forma da celebração representa uma “reforma”, inclusive com um impacto bastante existencial. Creio eu que Wesley tinha um enorme cuidado para que a casa de Deus – no caso, no sentido mais amplo das sociedades metodistas com espaços de multiuso – fosse um lugar acolhedor e um múltiplo meio da graça de Deus. Certamente dever-se-ia falar nesta perspectiva também dos pequenos grupos – classes, bandas e bandas seletas – como meios da graça – sabe-se que Wesley adicionou a comunhão cristã explicitamente na sua lista dos meios da graça essenciais – e compreendê-los novamente a partir da sua concepção de um meio da graça.²⁸ Entretanto, quero me conter em apontar somente uma “reforma” ou inovação litúrgica proposta e praticada pelos metodistas: a Festa do Amor. Para isso, comparo, inicialmente, algumas liturgias metodistas da *Festa do Amor* ou da *Ágape*.²⁹ Começo com a liturgia proposta por John Wesley (BAKER, 1957, p. 15).

Hino
Oração
Canção de ação de graça
A distribuição do pão pelos ecônomos³⁰ [leigos e leigas]
A colheita para os(as) pobres
O passar de mão em mão do cálice de amor (*loving-cup*)

²⁸ Essa interpretação representa uma releitura tanto da definição antropocêntrica da igreja como “assembleia de fiéis” no protestantismo como da compreensão teocêntrica da igreja como sacramento no catolicismo. Enquanto a primeira corre o risco de falhar na articulação da importância da graça na vida eclesial, corre a segunda o risco de subestimar o sujeito religioso na sua agência.

²⁹ Produzi duas introduções breves panorâmicas (RENDERS, 2000, p. 9-10; RENDERS, 2001, p. 9-10).

³⁰ Eram chamados *ecônomos* [*stewards*] os(as) administradores(as) das sociedades. É importante lembrar que o cargo foi criado, inicialmente, para administrar a colheita para os pobres. *Steward* pode significar também mordomo até camareiro, ou seja, a ideia é, independentemente da função, sempre de serviço. Veja, além disso, a explícita orientação na última das 11 regras para ecônomos de se preocupar com os pobres: “11. Se você não consegue redimir os pobres, então não amargue os pobres. Se nada houver para oferecer, fale palavras carinhosas. Cuide-se não olhar neles com arrogância, nem use palavras grossas. Eles devem ser felizes quando eles vêm, mesmo eles voltariam com mãos vazias. Coloque-se mesmo no lugar dos pobres, e trate-os como Deus tratá-los-ia.” *Diário de John Wesley*, 4 de junho de 1747.

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

Palavra do pastor
Testemunhos e estrofes de hinos
Orações livres e estrofes de hinos
Exortações finais do pastor
Hino
Benção

A *Festa do Amor* é uma celebração da igreja primitiva que via os morávios chegou no metodismo. Mas, somente nesse ambiente, essa celebração popular é considerada um meio da graça. Os pastores têm dois momentos – devocional e exortação – e os(as) leigos(as) também – testemunhos e orações, intercaladas por estrofes de hinos. Posicionada no centro da celebração, exatamente entre a distribuição do pão e da água, é a colheita para os pobres. Eu pessoalmente não conheço uma liturgia padrão que integra tão radicalmente a diaconia na sua programação, e deve se notar tanto a forma explícita como se define e fixa os(as) destinatários(as) como que esta parte é constitutiva pela celebração da festa do amor. O copo da água chamada *loving cup* ou “copo de amor” ou “cálice do amor” tinha, inicialmente, duas alças para facilitar a sua circulação sendo ele mais pesado do que um cálice comum. Por que essa celebração me parece tão emblemática para o metodismo inglês? Primeiro, o nome *Festa do Amor* é certamente uma sinalização múltipla, envolvendo o amar de Deus e o amor mútuo entre pessoas distintas. O segundo exemplo é a ordem de celebração proposta pela Igreja Metodista Episcopal, Sul, que tinha sua validade entre 1854-1938:

Canto
Oração
Breve palavra do pastor
Compartilha de um pão pequeno
Compartilha da água
Testemunhos de experiências religiosas
Canto
Oração
[Colheita para os pobres]

A dependência do original inglês é óbvia, porém, a segunda é um pouco menos formal, já que os hinos foram substituídos por cantos [*singing*]. A colheita, destinada originalmente aos pobres, perdeu seu lugar central na liturgia. Percebe-se no próximo exemplo, que se encontra ritual da Igreja Metodista de 1971, até essa época, Igreja Metodista do Brasil, que a centralidade da colheita.

Um hino de louvor
Leituras bíblicas
Orações espontâneas e a oração do Senhor
Meditação
Um hino de amor fraterno
O passar do pão
Ofertas para o socorro dos necessitados
O passar do cálice
Ação de graças em uníssono:
Testemunhos

Um hino de ação de graças
Uma bênção

O que faz a *Festa do Amor* tão única? O forte acento no aspecto do encontro fraternal entre as pessoas distingue essa celebração da mesa do Senhor que tem como seu diferencial e foco maior na memória da vida, morte e ressurreição de Cristo, no mistério ou na acolhida por Cristo. É correto que a festa do amor não se distancia totalmente desse aspecto, por também ser criada para oferecer as sociedades metodistas uma celebração em um momento em que a participação da santa ceia – que dependia ou da participação nas celebrações das paróquias igrejas anglicanas paroquiais ou da visita de um sacerdote anglicano nas sociedades metodistas – estava por anos mais distante.³¹ Mas a essa necessidade alocou-se uma reformulação e reacentuação, frisando o aspecto fraternal, no caso da *koinoia*, comunhão, ou como Wesley dizia, *social religion*, religião social, ou da *diakonia*, do serviço (aos pobres). Interessantemente, não era o aspecto social, mas questões técnicas, que se tornaram fontes de fortes polêmicas: os horários das festas³² e o fato que elas não eram públicas.³³ Os metodistas enfrentaram esse desafio porque para eles a *Festa do Amor* era um meio de graça importantíssimo para acolher as classes populares e mais humildes. O tom das festas do amor era alegre, e Charles Wesley criou inclusive hinários especiais para eles. O mais famoso dos seus hinos, chamado *Festa do amor*, culminava com a afirmação:

Hence may all our actions flow,
Love the proof that Christ we know;
Mutual love the token be,
Lord, that we belong to thee.
Love, thine image love impart!
Stamp it on our face and heart!
Only love to us be given.
Lord, we ask no other heaven. (WESLEY, [177?], p. 700).

³¹ Frank Baker (1957, p. 5), menciona que as primeiras festas do amor, no ano 1738, eram mensais e que isso se tornou uma regra em 1740.

³² Com essa afirmação deslocou o metodismo inglês um pouco da leitura mais calvinista de Wesley. Creio eu que Hempton tem razão quando ele enfatiza que os metodistas não somente demonstraram uma grande abertura para formas mais experimentais – ergo sem grande base na tradição – das práticas religiosas, mas, também perseverança quando foram atacadas de formas pouco sutis. “[...] que o metodismo era um movimento populista puritano que buscava reformar a moral inglesa e reviver sua religião também tem alguma plausibilidade, especialmente porque o desejo de Wesley de espalhar a santidade das escrituras era apropriadamente holístico em sua aspiração. Um dos muitos aspectos intrigantes desse tópico é a lacuna que existe entre algumas das retóricas antimetodistas do século XVIII e as conclusões dos historiadores modernos. Por exemplo, o metodismo antigo era frequentemente visto como uma forma religiosa de encobrir orgias sexuais. Festas de amor metodistas, beijos sagrados, transe espirituais e reuniões privadas à noite eram facilmente mal compreendidas, mas também havia alegações de fornicação pré-nupcial, bastardia, devassidão de empregadas domésticas (mesmo contra o próprio Wesley) e de pregadores itinerantes sexualmente ativos” (HEMPTON, 2009, p. 62).

³³ Para metodistas os cultos e a celebração da mesa do Senhor eram “abertos” ao público, mas a *Festa do Amor*, não. Nos Estados Unidos isso causou polêmicas, já que as duas celebrações eram frequentes nos *camp meetings*, nos grandes encontros de uma ou duas semanas, nos quais tinham pessoas de diversas denominações. Originalmente, esse caráter mais privativo era o vínculo das festas do amor não com as classes metodistas – que eram obrigatórias para todos os membros, convertidos ou não – mas com as *bandas*, grupo para pessoas convertidas (BAKER, 1957, p. 14).

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

Apresento o inglês por causa da sua bela forma do rimo. O acento está no amor mútuo como prova de que se conhece Cristo e que se pertence a Deus, como expressão da imagem de Deus estampada nos rostos e nos corações e resumo, sendo assim, que não se pede a Deus nada além disso, como se considera já no céu. Hoje chama-se a isso uma antecipação daquilo prometido para o futuro, um encontro entre céu e terra. De certo modo, um encontro perfeito onde diferenças e contradições de classe, gênero, etnia, etc. se tornam secundárias, e inicia-se aquilo que John Wesley descreve com as seguintes, fortes e esperançosas palavras: “você são um novo fenômeno nessa terra – um corpo de pessoas que não sendo de nenhum partido, são amigos de todos os grupos e tentam ajudar todos a avançar na religião do coração, no conhecimento do amor para com Deus e para com a humanidade” (WESLEY, 1989, p. 82).³⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei trazer à memória aspectos do movimento metodista que, eventualmente, não sejam mais tão evidentes: a forma congenial como Wesley, primeiro, blindou a militância social e fraternal, inclusive a favor de doentes, contra um legalismo improdutivo (e sem graça) e, segundo, como ele abriu a tão libertadora ênfase na *sola gratia*³⁵ para uma vida comprometida em prol da misericórdia e justiça. Seu movimento estendeu a compreensão das obras de piedade como meios da graça divina às obras de misericórdia, abriu a porta para uma práxis religiosa que não jogava mais a graça contra o compromisso e a responsabilidade contra a gratuidade do essencial da vida. Wesley articulou isso especificamente por meio do sermão *Sobre a visita de enfermos*, ou seja, ao final da sua vida e depois 40 anos de metodismo. O fato em si eventualmente já sinaliza que seja algo que pode se perder, ou seja, requer de tempo a tempo de uma reafirmação.

Além disso, estendi a intuição de Wesley sobre a qualidade das obras de misericórdia como meio da graça do âmbito da renovação de pessoas aos âmbitos da transformação da sociedade e da reforma da igreja. Atrás dessa “extensão” aparece a minha convicção de que a renovação de pessoas, a transformação da sociedade e a reforma de instituições são assuntos distintos, mas, correlacionados, condicionadores e catalisadores, já que impactam mutuamente um sobre outro. Além disso, pensei que seria importante entender “obras políticas” – como terceira categoria de atuação cristã ao lado das obras de misericórdia e das obras de piedade – também dentro da moldura de um meio da graça. Deus está nos encontros com os(as) pobres, os(as) enfermos(as), mas, também, potencialmente, nos encontros com pessoas da esfera pública ou das mais diversas instituições, inclusive igrejas. Tenho comigo que verdadeiras transformações e reformas sempre terão marcas da graça, da misericórdia e da justiça e o que foi transformado e reformado e quem foi renovado garante, defende produz vida.

³⁴ Sermão 121, §18 [*The ministerial office = prophets and priests*].

³⁵ “*Sola*” é frequentemente traduzido por “somente”. Isso é uma redução o que já pode ser visto que há cinco “solas” e deve ser corrigido para “mediante” ou “por meio”.

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

Finalmente, falei mais especificamente do espaço da igreja e de reformas que os metodistas propuseram e aponte a festa do amor como um exemplo. Novamente fica evidente a ideia de que a comunhão em si já é um meio da graça, e formas de comunhão deveriam ser vistas e revistas, reformadas e desenvolvidas sob a perspectiva que promovem e multiplicam a graça de Deus. ✨

REFERÊNCIAS

ASTON, Nigel. John Wesley and the social elite of Georgian Britain. **Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester**, Manchester, v. 85, n. 2, p. 123-136, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.7227/BJRL.85.2-3.9>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BAKER, Frank. **Methodism and the Love-Feast**. Nova York: Macmillan, 1957.

BURGE, Janet. **Women preachers in community**: Sarah Ryan, Sarah Crosby, Mary Bosanquet. Peterborough: Foundery Press, 1996.

CHILCOTE, Paul W. **She offered them Christ**: the legacy of women preachers in early Methodism. Eugene: Wipf and Stock. 1993.

COBB JR, John B. **Grace and responsibility**: a Wesleyan theology for today. Nashville: Abingdon Press, 1995.

HEMPTON, David N. Wesley in context. In: MADDOX, Randy L.; VICKERS, Jason E. (Eds.). **The Cambridge Companion to John Wesley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 60-81.

KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. **Viver a graça de Deus**: um compêndio de teologia wesleyana. 2. ed. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.

LLOYD, Jennifer. **Women and the shaping of British Methodism**: persistent preachers, 1807–1907. Manchester: Manchester University Press, 2009.

MADDEN, Deborah. “**A cheap, safe and natural medicine**”: religion, medicine and culture in John Wesley’s primitive physic. Amsterdã: Editions Rodopi B.V., 2005.

MADDEN, Deborah. Wesley as adviser on health and healing. In: MADDOX, Randy L.; VICKERS, Jason E. (Eds.). **The Cambridge Companion to John Wesley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 178-179.

MADDOX, Randy L. **Graça responsável**: a teologia prática de John Wesley. São Bernardo do Campo: Editeo, 2019.

MADDOX, Randy L., VICKERS, Jason E. (Eds.). **The Cambridge Companion to John Wesley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MILES, Rebekah L. Happiness, holiness, and the moral life in John Wesley. In: MADDOX, Randy L.; VICKERS, Jason E. (eds.). **The Cambridge Companion to John Wesley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 207-224.

NIEMEYER, August H. **Leben Johann Wesleys**: Stifter der Methodisten nebst einer Geschichte des Methodismus von J. Hampson. Aus dem Englischen. Halle: In der Buchhandlung des Waisenhauses, 1793. v. 2.

Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja

RENDERS, Helmut. **Andar como Cristo andou: salvação social em John Wesley**. 2. ed. São Bernardo do Campo: Editeo, 2011.

RENDERS, Helmut. As obras de misericórdia e piedade em John Wesley e no metodismo contemporâneo: base para uma teologia pública wesleyana? **Caminhos**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 355-369, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/3545/2055>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RENDERS, Helmut. Celebrando a aliança de Deus conosco (I) - da Ágape da Igreja primitiva até as Festas do Amor no metodismo wesleyano. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, ano 8, n. 18, p. 9-10, nov. 2000.

RENDERS, Helmut. Celebrando a aliança de Deus conosco (II) - da Ágape no metodismo norte-americano para uma nova proposta brasileira. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, ano 9, n. 20, p. 9-10, fev. 2001.

RENDERS, Helmut. **Einen anderen Himmel erbitten wir nicht: urchristliche Agapen und methodistische Liebesfeste**. Stuttgart: Meidenwerk dr Evangelisch-methodistischen Kirche, 2001. v. 4.

RENDERS, Helmut. **John Wesley e a luta abolicionista: com edição bilíngue dos seus Pensamentos sobre a escravidão**. São Paulo: ASTE, 2019.

RENDERS, Helmut. O guia medicinal Primitive physic[k] de John Wesley de 1747: ciência, charlatanismo ou medicina social? **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 339-353, abr./ jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n21p339/2625>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RENDERS, Helmut. O uso das expressões duplas *δικαιοσύνη* (dikaiosúne) e *ὁσιότης* (hosiótes) como *δικαιοσύνη* e *εὐσεβεία* (eusebéia) no Novo Testamento: base para uma presença pública da Igreja? **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1042-1053, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/351>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RIEGER, Joerg. **Graça libertadora: como o metodismo pode se envolver no século XXI**. Colaboração de Helmut Renders, José Carlos de Souza, Paulo Ayres Mattos. São Bernardo do Campo: Editeo, 2015.

RIEGER, Joerg. **Graça sob pressão: negociando o coração das tradições metodista**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

RIVERS, Isabel. John Wesley as editor and publisher. In: MADDOX, Randy L.; VICKERS, Jason E. (Eds.). **The Cambridge Companion to John Wesley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 144-159.

ROGAL, Samuel. Pills for the poor: John Wesley's Primitive physick. **The Yale Journal of Biology and Medicine**, New Haven, v. 51, p. 81-90, 1978. Disponível em: <<http://europepmc.org/backend/ptpmcrender.fcgi?accid=PMC2595647&blobtype=pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SOUZA, José C. de. A participação das crianças nos sacramentos: batismo. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, ano 6, n. 9, p. 12- 14, ago./set. 1998.

SOUZA, José C. de. Ceia do Senhor e hospitalidade eucarística: uma perspectiva metodista. **Caminhando**, São Bernardo Campo, v. 6, n. 1, p. 18-31, jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/2281/2284>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

TOWNSEND, Joseph. **A dissertation on the poor laws**: by a well-wisher to mankind. Foreword by Ashley Montagu. Afterword by Mark Neuman. Berkeley: University of California Press, 1971.

TURNER, Bryan S. **The body and society**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996.

WALLACE JR, Charles I. Wesley as revivalist/renewal leader. In: MADDOX, Randy L.; VICKERS, Jason E. (Eds.). **The Cambridge Companion to John Wesley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 80-96.

WESLEY, Charles. **Hymns for the nativity of our Lord**. London: William Strahan, 1745.

WESLEY, Charles; WESLEY, John. **Hymns on the Trinity**. Bristol: Felix Farley, 1767.

WESLEY, John. **A collection of hymns**. [Bristol: *s.n.*], [177?].

WESLEY, John. **An earnest appeal to men of reason and religion**. Newcastle upon Tyne: John Gooding, 1743.

WESLEY, John. **A collection of receipts, for the use of the poor**. Bristol: Felix Farley, 1746.

WESLEY, John. **Primitive physick**: or, an easy and natural method of curing most diseases. Londres: Thomas Tyre, 1747.

WESLEY, John. Sermão n. 98: “Sobre visitar os enfermos”. In: RENDERS, Helmut *et al.* **Sermões de John Wesley**: texto inglês com duas traduções em português. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.

WESLEY, John. **The bicentennial edition of works of John Wesley**. Oxford: Clarendon Press, 1989. v. 4.

WESLEY, John (Ed.). **The Christian's pattern, or**: a treatise of the Imitation of Christ written originally in Latin, by Thomas a Kempis; with a preface, containing an account of the usefulness of this treatise, directions for reading it with advantage, and likewise an account of this edition; compared with the original, and corrected throughout by John Wesley. Londres: J. Ilive for J.J. and P. Knapton, 1735.

Recebido em: 28/08/2020.

Aceito em: 06/12/2020.